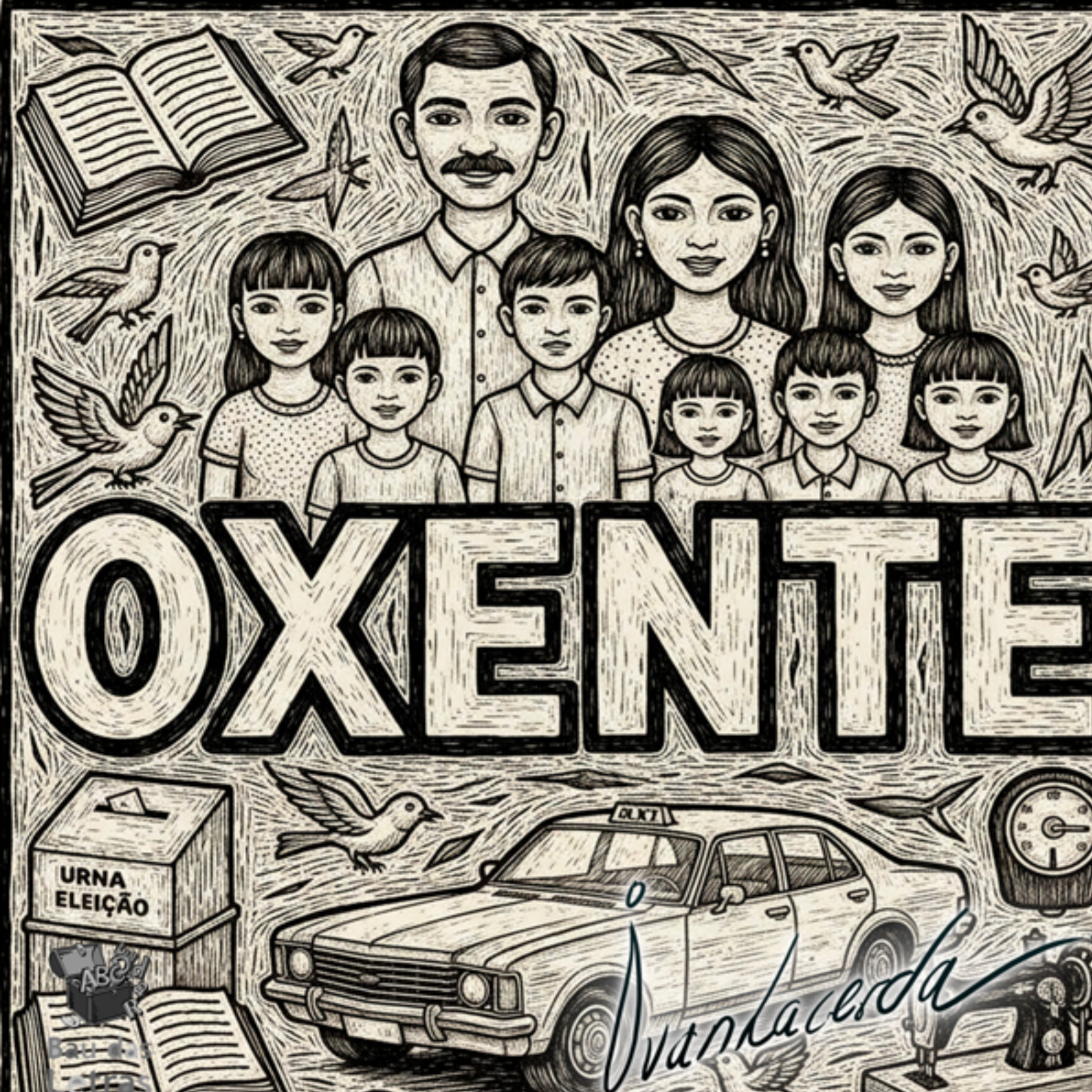

OXENTE
URNA
ELEIÇÃO
ABC
TAXI
Ivanilda

Texto, Diagramação, Produção e Criação: Ivan Lacerda
Ilustração: Criação em Interligência Artificial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cavalcanti, Ivan Lacerda
Título: OXENTE
Registro na Biblioteca Nacional com o ISBN nº 978-85-902370-2-0
CGC editora: 08736442801902
1. Literatura estilo Cordel

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada,
transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a permissão,
por escrito, do editor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98.

Fevereiro 2026

Obra em conformidade ao novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº. 54, de 1995).

Informações ou solicitação de exemplares poderão ser feitos através do site:

https://linktr.ee/ivanlacerdailc

Baú das Letras

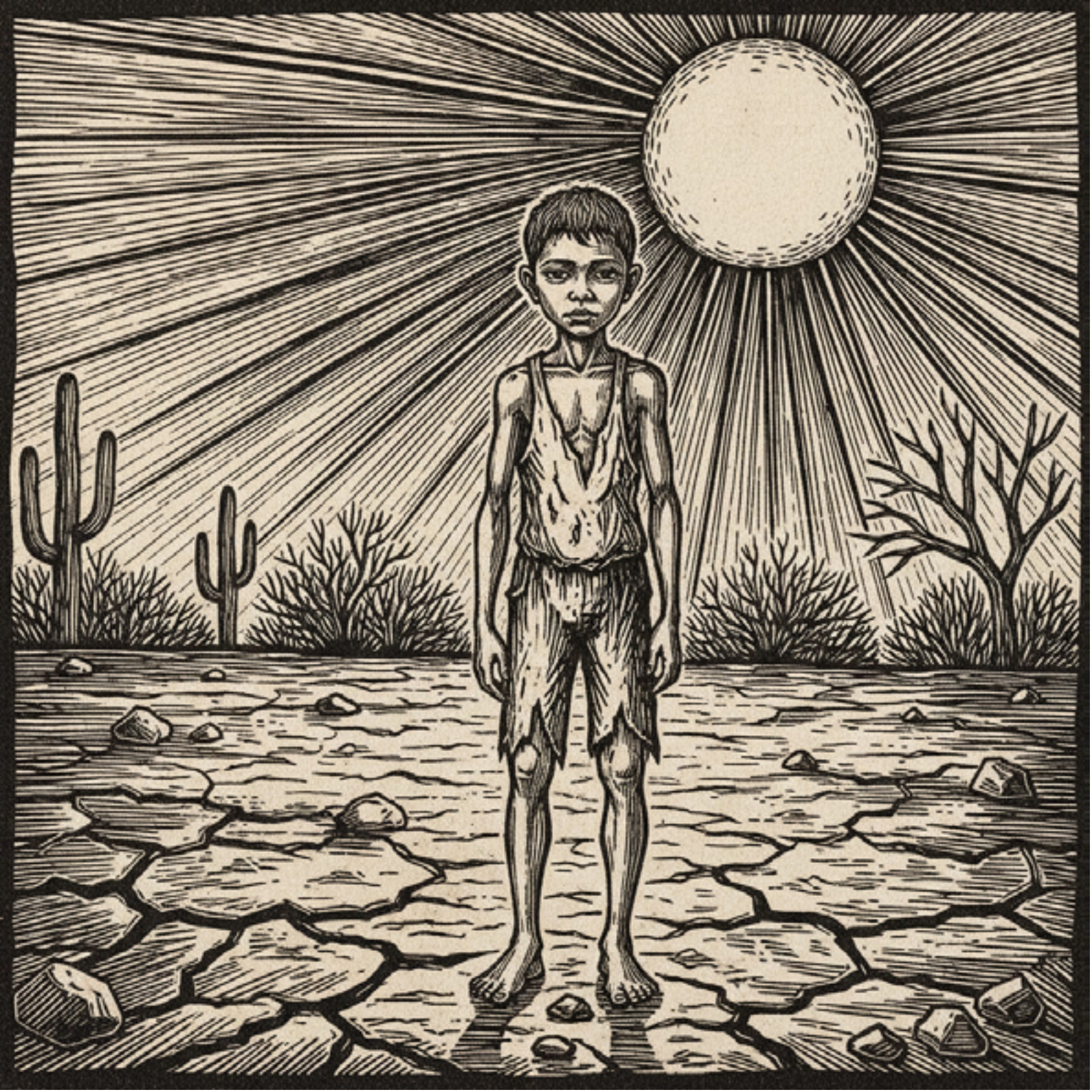
Para a família do Mestre Lula

INÍCIO

No sertão rachado e quente,
De sol duro e chão ferido,
Nascia um menino franzino
Antes mesmo de ser menino.
Chamava-se Luiz de nome,
Mas era fome o batismo,
Filho direto da seca,
Criado no sacrifício.

Garanhuns foi seu começo,
Terra de poeira e aflição,
Onde o vento conta histórias
E a fome ensina lição.
Ali se aprende bem cedo
Que viver é insistir,
Quem não aprende a ser forte
Não consegue prosseguir.

Seu pai vendia miudezas
De feira em feira, a andar,
Quinquilharia, esperança,
Troco curto pra contar.
E Luiz, ainda pequeno,
Já seguia sem reclamar,
Com sacola mais pesada
Que o corpo pra carregar.



Tinha cinco anos apenas
Quando o mundo lhe pesou,
Enquanto a infância passava
Ele cedo trabalhou.
Era o mais velho de onze irmãos,
Primeiro a se levantar,
Aprendeu a usar a força das mãos
Era o que tinha para lutar.

Não houve tempo pra brinquedo,
Nem pra sonho infantil,
O sertão lhe fez adulto
Antes do tempo gentil.
Mas quem nasce retirante
Carrega um dom escondido:
Transformar dor em caminho,
Sobreviver ao vivido.

Os anos foram correndo
Como rio em época de cheia,
O menino virou rapaz
Com coragem na ideia.
E quando chegou o tempo
De farda, quase maduro
Luiz fez da despedida
Um passo para o futuro.

Ainda bem moço ele partiu
Com o coração apertado,
Deixou o chão nordestino
Mas levou tudo guardado.
São Paulo virou promessa,
Distante, grande, severa,
Mas pra quem venceu a seca
Nenhuma dor desespera.

Guaratinguetá o recebeu
Com ordem, regra e pressão,
No Exército aprendeu cedo
O valor da disciplina e da mão.
Entre tecido, agulha e saudade
Descobriu nova missão,
Costurava com precisão
Apesar de tão pouca idade.

Linha reta, ponto firme,
Uniforme bem talhado,
Enquanto muitos aprendiam armas
Ele aprendia o traçado.
Ali nasceu o alfaiate
Antes mesmo da decisão,
Costurando com cuidado
O próprio rumo e vocação.

SP - 2433Km

TRAVESSIA

E assim se abre essa história,
De fio, suor e chão,
De um homem que fez do pouco
A base da construção.
Se o sertão foi seu começo
E São Paulo o desafio,
Essa vida que se escreve
É rio que vence o vazio.

Então sigamos firmes,
Com a rima bem assentada,
Porque essa história pede
Ser cantada e eternizada.
Agora o rumo se alarga,
O destino entra em cena,
E o amor, velho teimoso,
Muda o peso da pena.

Saído do verde-oliva,
Já com postura e saber,
Luiz carregava na alma
O costume de obedecer.
Ordem, regra e silêncio
Tinham virado lição,
Mas o peito ainda guardava
Espaço pra decisão.

Foi quando o azul do céu
Chamou forte sua atenção,
Na Aeronáutica encontrou
Outro ritmo, outra missão.
Pensou em seguir carreira,
Vida estável, passo certo,
Mas nem toda rota é reta
Quando o coração é esperto.

Porque amor antigo não dorme,
Ele apenas espera o sinal,
Fica quieto, mas acorda
Quando o tempo acha ideal.
E aquele rosto guardado
Desde os dias de chão batido
Chamou mais alto que a farda,
Que o futuro já decidido.

Luiz então fez escolha
Que só homem inteiro faz:
Encarar o próprio passado
Pra seguir adiante em paz.
Voltou à terra natal
Com verdade na intenção,
Foi direto, sem rodeio,
Fez da palavra declaração.

AMOR
CARREIRA MILITAR

Olho no olho, voz firme,
Sem promessa de ilusão,
Falou do pouco que tinha
E da grande ambição:
Trabalhar, criar família,
Construir com dignidade,
Dividir o peso da vida
E a luta da realidade.

Feita a jura silenciosa,
Não houve mais o que ficar,
São Paulo chamou de novo
Com seu barulho e seu azar.
Agora não ia sozinho,
Levava sonho e razão,
E o amor virou bagagem
Junto à fé no coração.

Mas a cidade não acolhe
Quem chega sem sobrenome,
São Paulo cobra caro
De quem chega só com nome.
Do outro lado da ponte frágil,
Que mais parecia um fio,
Nascia um bairro esquecido
À margem do desafio.

Vila das Belezas surgia
Sobre brejo e solidão,
Terra mole, chão doente,
Sem asfalto, sem visão.
A Peinha era só pinguela
Entre o centro e a exclusão,
Mas pra quem veio da seca
Ali seria sua plantação.

Logo levantou dois cômodos
Com suor, barro e fé,
Cada parede erguida
Era um "amanhã de pé".
Quase a morte o levou cedo
Com o surto da gripe traiçoeira,
Mas Luiz ficou de novo
Por teimosia verdadeira.

Porque quem já enfrentou
A fome, o sol e o sertão
Não entrega sua história
A uma febre sem razão.
Levantou mais uma vez,
Foi buscar sustento e chão,
E fez do volante e do freio
Nova forma de profissão.

A FORÇA DE UM SONHO

CONSTRUÇÃO

SÃO PAULO OPERÁRIA

Virou motorista de fábrica,
Numa metalúrgica a pulsar,
Entre graxa, turno e ruído
A cidade a engolir e usar.
A família foi crescendo,
O salário mal acompanhava,
Mas dentro daquela casa
O respeito não faltava.

Luiz não era homem alto,
Mas crescia na conduta,
Falava pouco, observava,
Escolhia bem cada luta.
Educação era bandeira,
Mesmo sem diploma algum,
Porque o saber, pra ele,
Nunca foi privilégio de um.

E assim termina este canto,
Com chão firme construído,
A cidade em contradição
E o futuro ainda comprimido.
No próximo, a crise aperta,
A ditadura fecha a mão,
Mas nasce o Mestre Lula
No saber e na convicção.

UNIÃO

Então sigamos mais fundo,
Onde a vida testa o homem,
Porque é na falta do tudo
Que o caráter ganha nome.
Agora o tempo endurece,
O país fecha a expressão,
E a luta deixa de ser só pão
Pra virar também opinião.

A fábrica seguia em frente,
Mas o chão já dava sinal,
Crise rondava os portões
Como bicho à espreita do final.
O salário vinha curto,
O futuro, encurtado também,
E São Paulo engolia sonhos
Sem perguntar de quem.

Foi quando o trabalho sumiu
Como a fumaça faz no ar,
A forte metalúrgica caiu
De um dia pro outro sem avisar.
A ditadura surgia e apertava,
Censura, medo e opressão,
Mas Luiz não se dobrava
Nem perdia a direção.

CENSURADO
CENSURADO
CENSURADO
Amanão?
A VERDA!
AVERUADE
CENSURADE
CENSURADO
CENSURADO
CENSURADO

Com pano, linha e tesoura
Ele voltou ao saber antigo,
O ofício que aprendera cedo
Virou outra vez abrigo.
Abriu pequeno atelie
Num canto do próprio imóvel,
E cada roupa ajustada
Era o sustento possível.

No começo houve esperança,
Cliente, encomenda e fé,
Mas a fome dos pequenos
Chegava antes do mês.
O talento era grande,
Mas a renda era insuficiente,
E a vida, quando aperta,
Não aparece nenhum cliente.

Enquanto isso Maria,
Mulher feita de aço e luz,
Seguia firme na lida
Como quem nunca recua ou reluz.
Lavava roupa dos vizinhos,
Dos ricos além da ponte,
Criava filhos e dignidade
Com coragem de horizonte.

Cuidava de outras crianças,
Multiplicava o pouco pão,
E ainda gestava mais vida
No meio da privação.
Era ela quem segurava
A casa, o tempo e a fé,
Sem Maria, essa história
Não ficava mesmo em pé.

Veio a fome sem anúncio,
Veio a doença também,
E a vila aprendeu no susto
Que o Estado não vinha bem.
Em setenta e quatro o medo
Tomou corpo e direção,
A meningite varreu ruas
Fez do silêncio uma prisão.

O governo escondia números,
Mas a morte não se cala,
Corria de porta em porta
Sem pedir licença ou fala.
Luiz lia, observava,
Conectava cada ponto,
Entendia que o problema
Era maior que aquele confronto.

MOVIMENTO

DEMOCRACIA

Homem político por essência,
De pensamento avançado,
Defendia justiça social
Mesmo sendo pouco escutado.
Acreditava num país
Onde riqueza é partilhada,
Onde o povo vive com dignidade
E não à margem, nem calada.

No bairro virou referência,
Escuta, conselho e saber,
Chamavam-no de Mestre Lula
Por tudo que sabia dizer.
Não gritava, não impunha,
Mas convencia na razão,
E a sabedoria simples
Virou sua profissão.

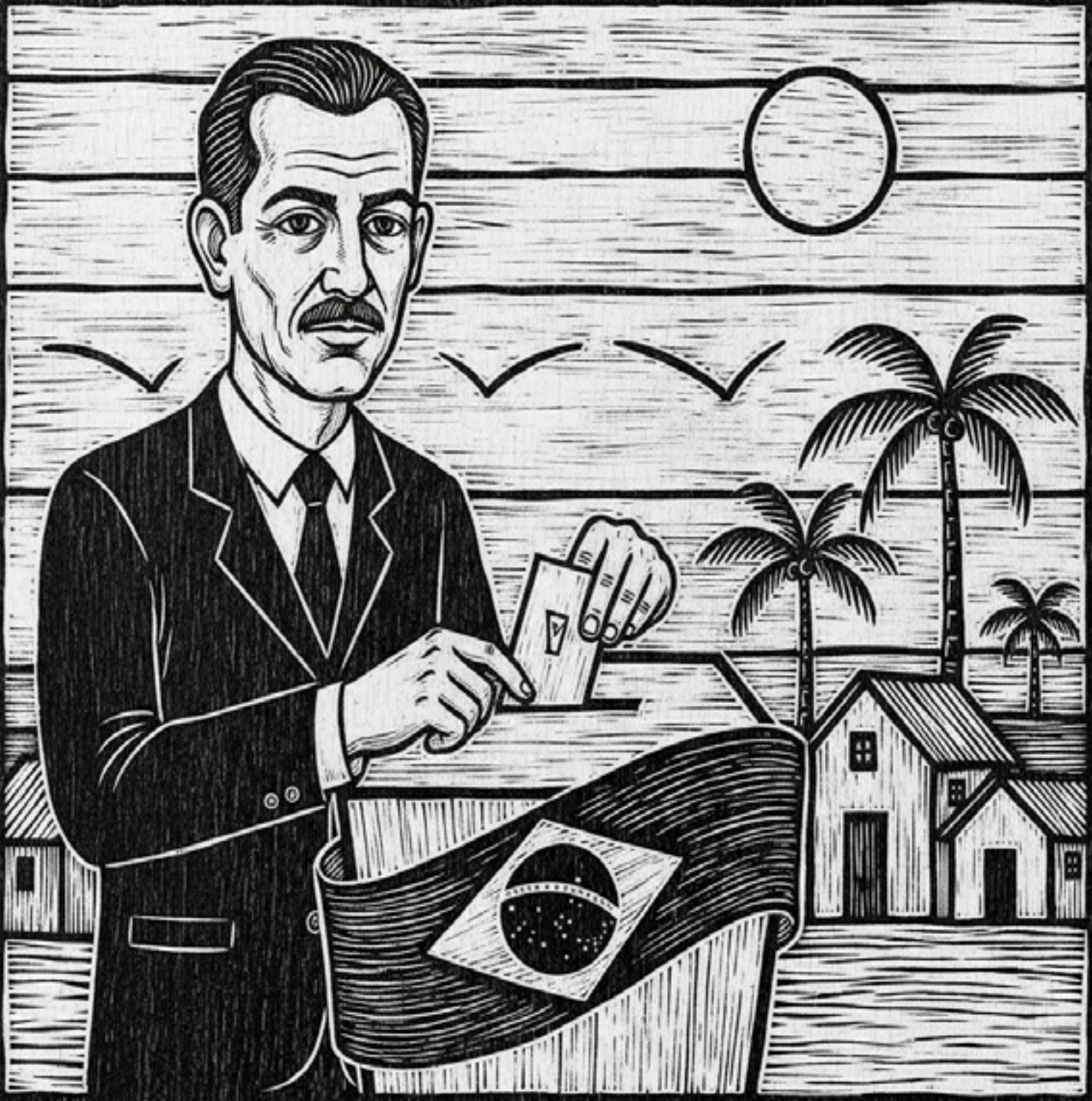
Participou de assembleias,
De reuniões e pressão,
Fez da palavra instrumento
Contra a mordaça da nação.
E quando o voto voltou
Como direito recuperado,
Luiz fez daquele dia
Um ritual respeitado.

CORDEL
VIVO

Mesmo quando a lei dizia
Que já não precisava ir,
Ele vestia a melhor roupa
Só pra votar e insistir.
Pra ele a democracia
Era conquista diária,
Não favor de governo,
Nem promessa ordinária.

Mas a vida, sempre dura,
Pediu mais uma reinvenção,
E Luiz, olhando o pouco,
Tomou firme decisão.
Vendeu máquina, vendeu terreno,
Desfez-se do que restou,
E apostou tudo num sonho
Que sobre rodas rodou.

Comprou um Opala amarelo,
Setenta e quatro, reluzente,
E fez do banco da frente
Seu novo banco docente.
Virou taxista de lotação,
Motor ligado, mente ativa,
Enquanto a cidade corria
Ele pensava alternativa.



Parque Arariba ao Largo Treze,
Campo Limpo na direção,
Valo Velho era caminho
Da sua nova missão.
O Picapau cruzava a cidade
Cortando pressa e tensão,
Levando gente e ideias
Todos na mesma direção.

Cada corrida era aula,
Cada passageiro um debate,
Falava de política, de mundo,
De justiça que não bate.
E assim fechamos este canto,
Com o Opala em movimento,
No próximo a colheita chega
Depois de tanto enfrentamento.

E o caminho íngrime e cumprido,
Começa a mudar o sinal,
Quem só plantou em terreno árido
Vê brotar fruto no final.
Não foi promessa de vitrine,
Nem riqueza ou ostentação,
Foi o direito de colher
O que se planta com determinação.

SONHOS
FUTURO
HISTORIIAS
VIAGEM
FUTOIIOS

COLHEITA

O Picapau seguia firme
Cortando a cidade inteira,
Mas o tempo, velho sábio,
Avisou de outra maneira.
Sessenta e cinco chegaram
Sem pedir explicação,
Era hora de descanso
Depois de tanta condução.

Aposentou-se do volante
Sem largar o movimento,
Porque quem tem mente inquieta
Não aceita recolhimento.
Parou o carro, não a busca,
Nem o gosto por saber,
A cabeça seguia livre
Mesmo sem mais o que prover.

Todo dia o jornal aberto
Era quase um ritual,
Lia da capa ao obituário,
Do mercado ao editorial.
Dissecava cada linha
Com olhar de professor,
Como quem estuda o mundo
Pra entender sua própria dor.

O TEMPO...
...DESACELERANDO
J. BORGES

E os livros vieram em fila,
Um depois do outro a entrar,
Filosofia, biologia, sociologia,
Tudo que pudesse explicar
Por que o mundo é desigual,
Por que o pobre paga mais,
Por que a história se repete
Quando a memória não se faz.

Talvez o pão que faltou cedo
Ele buscasse nas letras,
Se alimentava de ideias
Pra curar antigas secas.
Onde houve fome de infância
Agora havia muita reflexão,
E o saber virou sustento
Pra alma e pra nova geração.

Os filhos, criados no aperto,
Começaram logo a florescer,
Trabalho, estudo, caminho,
Cada um a se erguer.
E quando a filha formou-se
Assistente Social,
A história deu uma volta
Que não cabe em editorial.

Primeira de toda a linhagem
A pisar numa faculdade,
Não por acaso escolheu
Cuidar da desigualdade.
Era o saber virando prática,
O legado ganhando voz,
O sonho de um retirante
Vivendo muito além de nós.

Outros filhos também seguiram
Cada qual sua missão,
E a casa antes tão cheia
Ganhou novo coração.
Vieram os netos correndo,
Risos ocupando o chão,
Onde antes morava a luta
Agora morava a canção.

Vieram também os bisnetos,
O tempo se multiplicou,
Luiz via em cada rosto
Tudo aquilo que plantou.
A vida, que foi tão dura,
Começou a suavizar,
E os frutos doces da luta
Finalmente puderam brotar.

Mas o tempo não se aposenta,
Ele cobra sem avisar,
E chegou de mansinho
Algo difícil de enfrentar.
O Parkinson bateu leve,
Sem alarde ou explosão,
Mas queria aos poucos tomar
Corpo, gesto e precisão.

As mãos já não obedeciam
Como nos tempos de alfaiate,
Mas a mente seguia firme,
A palavra seguia intacta.
Foram vinte anos de embate
Entre o corpo e a vontade,
E ele nunca se entregou
À derrota ou à piedade.

Mesmo frágil, seguia atento
À política nacional,
Comentava eleições,
Debatia o bem e o mal.
O dia do voto seguia
Sagrado como oração,
Ia às urnas com orgulho
Mesmo sem obrigação.

FRAGILIDADE DO CORPO
FORÇA DA MENTE

Até que um dia o corpo disse
Aquilo que a alma sabia:
Que toda luta tem pausa,
Que até o forte silencia.
Vieram hospitais, idas e voltas,
Dois anos entre despedidas,
Mas ele ainda resistia
Com dignidade erguida.

Não queria ir sem deixar
Olho no olho da morte,
Como quem diz com firmeza:
"Eu vivi com rumo e norte."
Cumpri o que me cabia,
Plantei mais do que colhi,
Agora sigo tranquilo
Porque não fugi de mim.

E quando enfim se calou,
Não houve fim, houve sinal,
Porque o que se constrói em valor
Não morre no plano carnal.
Ficou na fala dos filhos,
No estudo, na educação,
Ficou no jeito de votar,
De pensar, de dizer não.

Ficou em Maria, companheira,
Na força que nunca cedeu,
Ficou em cada geração
Que do barro se ergueu.
E ficou numa palavra simples,
Pequena, mas colossal:
Oxente — senha de afeto,
Patrimônio imaterial.

E assim se vê os frutos,
Não em ouro ou ostentação,
Mas em gente que pensa,
Que sente, que age com razão.
Porque a maior herança
Que um homem pode deixar
É ensinar seus filhos
A nunca deixar de lutar.

OXENTE
URNA
ELEIÇÃO

MEMÓRIA

No canto da memória,
Onde a história muda o foco,
Não é mais o homem em cena,
É o eco que ficou no corpo.
Aqui não fala o personagem,
Nem o herói, nem o pai presente,
Fala o rastro que ele deixou
Naquilo que virou gente.

Existe um filho no mundo
Que não se coloca no centro,
Ele observa em silêncio
O peso justo do tempo.
Não diz "meu pai" em voz alta,
Não pede lugar na canção,
Mas carrega no jeito de andar
Toda aquela formação.

Esse filho anda na rua
E enxerga além do concreto,
Vê o sertão escondido
No rosto cansado e inquieto.
Vê o retirante antigo
Em cada homem invisível,
E entende que o Brasil
É duro, mas ainda possível.

Ele aprendeu sem cartilha,
Sem discurso decorado,
Que palavra tem valor
Quando vira gesto aplicado.
Que justiça não é grito,
É coerência no viver,
E que votar é um ato simples
Que pode o mundo mover.

Esse filho sabe escutar
Antes mesmo de opinar,
Porque cresceu vendo um homem
Primeiro ler, depois falar.
Aprendeu que conhecimento
Não mora só na escola,
Mora no livro aberto,
Na dúvida que não se consola.

Quando o tempo fica duro
E a esperança parece pouca,
Ele lembra de um Opala
Cortando a cidade louca.
Lembra de um banco da frente
Virando sala de aula,
Onde se ensinava o mundo
Sem diploma e sem pauta.

Esse filho já não repete
A palavra como antes,
Porque **OXENTE** não é som,
É presença vibrante.
É código único, é afeto,
É senha de identidade,
Que só entende por inteiro
Quem conhece a verdade.

Às vezes, quando preocupado,
Ele quase escuta a resposta,
Como se alguém, do outro lado,
Ainda fizesse a aposta:
"Aprende, tenha fé, segue a vista!
Não negocie seus valores,
Porque a vida é dura, meu Artista,
Com espinhos, mas também flores."

Esse filho não ergue monumento,
Entende que a lição do passado
Não transforma dor em tormento,
Forjam homens pelo seu legado.
Luiz Lacerda Cavalcanti
Não cabe só na memória,
Cabe no Brasil profundo
Que ainda escreve sua história.

Porque há homens sem cargos,
Não governam, não aparecem,
Não são rancorosos, nem amargos,
Enquanto os holofotes esquecem.
São alfaiates com tesoura e alfinetes,
Artesãos da vida em formação,
Que não criam marionetes,
Criam gente com fibra e direção.

E quando alguém perguntar
Por que essa história importa,
A resposta vem sem pressa,
Sem retórica, direto da aorta:
Importa porque existiu,
Porque foi chão e foi ponte,
Porque ensinou que o futuro
Começa aqui nesse instante.

E assim o livro se fecha,
Sem ponto final imposto,
Porque toda boa herança
Continua no gesto exposto.
O homem partiu, é verdade,
Mas deixou chave e missão:
Pensar, agir, resistir
Com ética, respeito e educação.

Então fica assim...

IVAN LACERDA CAVALCANTI

Escritor, Mentor, Consultor empresarial com foco nas áreas de Marketing, desenvolvimento humano e de gestão. Atua há mais de 30 anos com treinamentos de Jovens e Executivos. Pós Graduado pela FGV em Gestão de Negócios; Comunicação Social pela Universidade Anhembi Morumbi; Master em PNL (Programação Neuro Linguística. No entanto, é escrevendo que se sente mais perto daquilo que se chama Felicidade.

Autor dos livros: LOUCOS POR TI CORINTHIANS (Livro Oficial do centenário do clube em 2010) - OS FILHOS BASTARDOS DO PRESIDENTE - COMPANHEIRA SOLIDÃO - PASSANDO TUDO A LIMPO - A DOIS PASSOS DO PARAÍSO - LA SERENISSIMA - MIMIMI - JUNTANDO CACOS - ÉRAMOS ERASMO E EU - RESPEITÁVEL PÚBLICO - CENAS DO COTIDIANO - QUINTAL DE CASA - SOBRETUDO (poesia) onde metade da renda foi destinado aos projetos assistenciais da AACD - POESIA INTWITIVAS (Primeiro livro de poesias do Twitter) - DONA MAROCA A MINHOCA DORMINHOCA - CENTURIUS - Além de crônicas e um acervo de mais de 400 poesias e sonetos. Acesse as obras através do QRCODE

Este livro não conta a história de um herói famoso. Conta a história de um homem comum — e é exatamente por isso que ela é extraordinária.

Aqui se narra a vida de **Luiz Lacerda Cavalcanti** ou **Mestre LULA**. Retirante do sertão pernambucano, filho da seca, do trabalho precoce e da coragem silenciosa. Um homem que atravessou o Brasil do chão rachado ao asfalto da periferia paulistana, costurando o próprio destino entre fardas, linhas, agulhas, tecidos, livros e volante. Foi um filho, marido, pai, avô, trabalhador, autodidata, cidadão atento, que acreditou na educação, na justiça social, respeito ao próximo e democracia como caminhos possíveis para transformar o mundo — começando pela própria família.

Em versos de cordel e imagens em xilogravura, esta obra narra quase um século de história brasileira a partir do olhar de quem viveu à margem, mas nunca à parte. A seca do sertão, trabalho infantil, migração, ditadura, luta cotidiana, amor, política, esperança e o legado se entrelaçam numa narrativa sensível, popular e profunda.

Mais do que uma biografia, essa homenagem é um modesto, porém fiel retrato do Brasil invisível que construiu gerações sem jamais pedir reconhecimento. Um livro sobre memória, dignidade e herança ética.

Porque algumas vidas não passam.
Elas permanecem.

Oxente!

Baú das Letras